

RECORVIVÊNCIAS

Monólogos literários na quarentena

Lucas Neiva

COMO A PERSONAGEM de Clarice Lispector, adio sempre o momento de escrever. Escrever dói, tira a energia, machuca. É como se em cada letra escorresse um pouco do meu sangue. Evito, portanto, uma hemorragia. Mas, parafraseando Nélide Piñon, o escriba não deve desprezar os artefatos que a vida deposita em sua porta. É próprio do seu fazer se debruçar sobre esses instrumentos. Não me considero escriba. A palavra me é sagrada demais. Porém, nesses tempos de isolamento social, resolvi escrever. Escrevo, talvez, para buscar um pouco de equilíbrio. Faço mil malabarismos para não cair. Em minha volta tudo despenca impiedosamente. Tudo está solto. E eu, que por natureza não me prendo a nada, me chacoalho. Nossas certezas estão friamente abaladas. Crises políticas, sociais, econômicas. Um país dividido. Um barco à deriva levado pelo mar bravo e sem comando, apesar dos comandados. Crise na saúde pública. Mortes. Pandemia. Angustio-me profundamente.

Por isso, enquanto caminho pelo velho sítio da família – meu refúgio nessa quarentena-, olho para as montanhas abundantes na região da serra, procurando, quem sabe, por alguns anéis de fumaça que possam sinalizar a presença de um Bolseiro. Almejo encontrar apenas uma casinha acolhedora para me refugiar desse turbilhão. Casa não! Quero uma toca encravada no flanco de uma

colina, habitação de um Hobbit, porque isso significa conforto, aconchego, sossego (pelo menos até a visita de um velho mago).

Em outros momentos, me surpreendo olhando atento as mobílias antigas, principalmente para os velhos guarda-roupas da casa, esperançoso de ser um daqueles feito com madeiras de uma macieira encantada. Daqueles que possibilitam a passagem para Nárnia. De lá traria uma maçã mágica para curar a humanidade doente. Sou o destemido menino Digory em busca da salvação da mãe terra.

Nas noites em que as estrelas aparecem, me deito no chão para contemplá-las. Encantado, como se fosse a primeira vez que as vejo, oro. Oro agradecido ao Eterno, cuja presença sinto nos variados desenhos que esses pontos luminosos formam no céu. Minha insignificância fica evidente diante disso tudo.

Há calmaria no céu. No deslizar ligeiro e calmo das estrelas cadentes. Como diria Rosa, no devagar depressa das horas, a lua vai nascendo lentamente. Mas quando meus olhos míopes notam, ela já é rainha do céu todo. Compungido por isso, rechaço minha feroz ansiedade. Não admito me debater dentro no meu ínfimo ser.

Por entre as estrelas, procuro algum ponto mais luminoso que, pisca-piscando, possa me indicar que é a Sputnik II. Desejo ouvir os latidos da cadela Laika, que imagino estar abanando o rabo para mim, pedindo para descer à terra. Mas eu a aconselho a ficar lá, ainda que só.

Nesses passeios noturnos, procuro também pelo asteroide B612. Converso com o seu habitante mais ilustre. Conto a ele tudo pelo qual passamos nesses tempos tenebrosos. Meu amigo chora comigo. Sente-se só no seu planetazinho, quer viver no planeta azul. Contudo, o convênço de que aqui está tudo muito cinza.

Na roça, os dias escorrem lentos. Não há muitas novidades, nada novo. Mas, para mim, esse tempo de quarentena tem sido um período de constante “redescobrir” e “reviver”. Depois de mais de 15 anos, fico, na companhia de meus pais, um mês ininterrupto nesse lugar que me ninou desde sempre. Isso me alegra.

Em meio ao caos, consigo um pouco de repouso e felicidade. Meus pais me mimam o tempo todo. É como se quisessem aproveitar esse tempo de quarentena para suprir toda a ausência dos anos em que estive longe deles. Me sinto amado. Ao mesmo tempo sinto perder minha identidade. Fico deslocado e desconcertado junto deles. Procuro também agradá-los ao máximo, converso, abraço, acaricio. Recordamos os antigamentos e damos boas risadas. Coisas de quando eu e minhas irmãs éramos crianças. Tudo está guardado com toda sacralidade que tais memórias exigem.

Pesa a saudade da minha vó. Como ela era mestra! Mestra em descascar uma laranja sem deixar a casca se partir. A fruta saía ilesa, sem nenhum machucado. Era mestra em apanhar o maior número de abacates num cesto improvisado feito com o bojo da saia comprida que usava. Era mestra também em jogar o feijão da peneira para o ar a fim de que o vento tirasse as últimas palhas.

Eu olhava aquilo fascinado, numa fração de segundo aos grãos formavam uma pequena cortina no céu e nenhum deles caía no chão. A vó repetia esse gesto com um gingado na cintura. O café era ela quem torrava. Ninguém além dela sabia o ponto exato da torragem. Por isso, após terminar o serviço, ela guardava repouso. Não tomava água até o dia seguinte. Era arquiteta profissional ao montar torrezinhas com sabugos de milho para entreter a meninada. Depois de sua morte, essas maestrias não nunca foram iguais.

Meus conhecimentos acadêmicos de nada me servem aqui. Por isso, procuro escutar outros saberes. Com meu pai, aprendo sobre a serenidade, a paciência e a fé. A vida para ele transcorre calma, pacífica e sem atropelos. Tão diferente de mim, que eu chego a desejar ser ele por algum tempo, só para aliviar meus fardos. A fé rega-lhe todos os âmbitos da vida, dos relacionamentos afetivos ao plantio das sementes. Tudo lhe é sagrado, o que me constrange. Além disso, meu pai é poeta. Sabe uma infinidade de trovas, versos e poeminhas que lhe foram ensinados quando criança. Para cada situação, como bom intérprete do momento, emprega uma dessas composições, seja para suavizar ou alegrar o instante. Eu, admirado, assisto com reverência a essas interpelações dele. Subjugo minha parca memória, incapaz de recitar um verso de Fernando Pessoa de cor.

Minha mãe me ensina a ousadia - que não sou muito afim. Me ensina, principalmente, a resignação. Diante de toda adversidade pela qual passou desde a infância, não lhe sobraram remorsos

e ressentimentos. A alegria e a gratidão pelo que ela é hoje são maiores do que todas as dores anteriores. Acho que a melhor descrição para minha mãe é o poema de Cora Coralina que diz “eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos”. Imagino Cora escrevendo essa poesia inspirada na vida de minha mãe.

Aprendo também com a Pretinha, nossa cadela matriarca. Me sento na cadeira da varanda e desfruto da sua agradável companhia – até ela ser contrariada. Fico comparando Pretinha e Baleia. A primeira tão gorda, a segunda, magérrima, de ver ossos. Ambas inteligentes. Fato. Penso no amor abnegado dessas criaturas e choro com a morte de Baleia. Passo a ser um membro daquela família de retirantes. Sofro

com eles. Penso, sobretudo, no menino mais novo diante da ausência da cadelinha peregrina.

Nas tardes limpas, quando o azul é anil, tal como Cecília Meireles via através de suas janelas, ando por estradas e trilhas, pelos quais percorri na minha infância. Certifico a permanência de penedos que escalei, de árvores que foram meus esconderijos, castelos, gigantes, moinhos de vento. Colho as amoras que as amoreiras rasteiras gentilmente me oferecem pelo caminho. Não me são tão saborosas como eram antigamente. Por isso, busco inutilmente em uma após a outra o gosto do meu tempo de criança.

Nestes momentos, olho para o céu e, num ato de confiança, vejo um falcão peregrino em voo rasante. Desejo que seja um daqueles que tem o controle de fendas temporais e que cuidam de crianças peculiares. Penso na possibilidade de uma dessas fendas me dar a oportunidade de voltar a momentos tão felizes da minha infância.

[...]

[...]

LUCAS NEIVA DA SILVA é professor efetivo da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, Doutorando em Estudos Literários e Mestre em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: lucasneivaport@gmail.com